

Resenha

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES E DOCÊNCIA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA**

*Rosalina Ananias Pinheiro Neves<sup>1</sup>*

SANTOS, Leandra Ines Seganfredo e MACIEL, Ruberval Franco. **Formação e prática docente em língua portuguesa e literatura**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. 230 P. ISBN: 97885-217-0217-7

A referida obra, organizada por Leandra Ines Seganfredo Santos e Ruberval Franco Maciel, compartilha estudos realizados pelos estudantes do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, o qual tem evidente potencial no processo de qualificação da Educação Básica nas mais de 40 universidades espalhadas pelo país. Santos é licenciada em Pedagogia pela Unemat. Mestre em Linguagem pela UFMT, Doutora em Estudos Linguísticos (Linguística Aplicada) pela UNESP e Pós-doutora em Linguística Aplicada pela PUC/SP. É professora na Universidade do Estado de Mato Grosso. É líder do GEPLIAS – Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Aplicada e Sociolinguística, cadastrado no CNPQ. É membro do CELIN – Centro de Língua(gens). Professora permanente dos programas de pós-graduação *strictu sensu*, mestrado acadêmico em Letras e Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, na UNEMAT, coordena o Programa de Mestrado Acadêmico em Letras. É fundadora e coordenadora do GT da ANPOLL Estudos Linguísticos na Amazônia Brasileira (2018). Criou e foi editora-chefe da Revista Educação, Cultura e Sociedade (UNEMAT/Sinop, 2011-2018). Membro do Conselho Editorial da Revista Brasileira de Linguística Aplicada, da EntreLetras, da Eventos Pedagógicos, da

---

<sup>1</sup> Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Sinop/MT. E-mail: [rosalina.ananias.neves@unemat.br](mailto:rosalina.ananias.neves@unemat.br)

Norte@mentos e da Acta Semiótica. Cumpriu a função de Vice Coordenadora do PROFLETRAS (2013-2015) na UNEMAT/Sinop.

MACIEL é mestre em Linguística Aplicada pela University of Reading – Inglaterra, Doutor em Estudos Linguísticos e Literários de Inglês pela USP, com estágio doutoral no *Centre for Globalization and Cultural Studies – University of Manitoba – Canadá*. Pós-doutor em Educação Bilíngue pelo programa de *PhD in Urban Education da City University Of New York – Estados Unidos*. Atualmente é professor da graduação e da Pós-graduação em Letras e da graduação em Medicina e assessor de Relações Internacionais e Mobilidade Acadêmica da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). É Professor do Programa do Programa de Mestrado e Doutorado em Linguística da UNEMAT. É membro do GT de Transculturalidade, Linguagens e Educação da ANPOLL. Foi pesquisador visitante da *City University of New York* e foi pesquisador externo associado do centro de globalização e estudos culturais da *University Manitoba* no Canadá. Foi presidente da ALAB (Associação de Linguística Aplicada do Brasil – 2014-2015). Foi presidente fundador da Associação dos Professores de Língua Inglesa do Estado de Mato Grosso do Sul (APLIEMS).

Esta obra encontra-se dividida em oito capítulos, sendo que no primeiro deles Cosson traça o perfil de uma escola pública do Paraná citada por Balla, uma mestrandia do PROFLETRAS, no qual o autor retrata a precariedade da escola com relação ao acervo de literatura e estende este comentário aos cursos de Letras que são insuficientes, visto que praticam somente o ensino sobre literatura e não da literatura. Em seguida, o autor faz menção ao PROFLETRAS no sentido de entender se desta feita a literatura é trabalhada de forma a contribuir com a melhoria das práticas de ensino do(a) professor(a) e, conseqüentemente, inferir ao ensino, ou seja, na vida dos estudantes, as transformações advindas do letramento literário. Cosson menciona professores egressos do PROFLETRAS que o veem como ineficiente com relação ao ensino de literatura, porém há outros que defendem alegando que houve um avanço no letramento literário na escola a partir das ações do programa. O autor continua suas reflexões e argumenta sobre a inexistência de espaço para o estudo da literatura e sobre literatura no PROFLETRAS, mas somente as convencionais para o estudo da Língua

Portuguesa, como por exemplo o estudo dos gêneros. Apesar disso, reconhece que no conjunto de estudos verificados há um comprometimento ímpar dos professores de Língua Portuguesa com a literatura e que, certamente, estes compartilham de que esta área é importante não só na vida escolar, mas também para a formação do cidadão, visto que oferece a cada um de nós as palavras com as quais interpretamos o mundo e a nós mesmos.

Oliveira (2019) versa sobre a formação continuada e os saberes docentes responsivos aos desafios da sociedade contemporânea. A autora faz reflexões sobre o que seja saberes docentes de línguas em sua relação com os saberes e concepção de linguagem, propondo uma mudança na noção de língua, de forma que a compreenda como heterogênea, corporificada, híbrida construída em relações intersubjetivas, contrastando com os procedimentos metodológicos referentes à sala de aula com vistas ao ensino e à aprendizagem. Tendo como base o conhecimento científico, que para alguns autores citados, se constitui como indicador de desigualdades sociais, sendo que a capacidade de ler e escrever pode amenizar estas desigualdades observando os direitos do cidadão. A autora defende que a formação continuada objetiva o aprofundamento dos estudos com vistas a melhoria das práticas pedagógicas no cotidiano escolar, a fim de auxiliar o professor a se tornar um profissional reflexivo, levando em conta que vivemos em um tempo de muita informação e de novos conhecimentos nos remetendo a uma multidimensionalidade e, por isso, assume uma nova compreensão do que seja formação continuada a qual implica a articulação dos saberes dos diversos campos da ciência com aqueles advindos das experiências cotidianas com objetivo de construção de uma cidadania inclusiva.

Alves (2019) discorre sobre Linguagem e discurso: implicações para o ensino de língua portuguesa. Para essa autora, as práticas pedagógicas são sempre ancoradas em uma concepção de linguagem. Porém, o ensino de língua portuguesa tem sido alvo de críticas por conta da ineficiência constatadas pelas avaliações externas. Estas constatações sinalizam para a necessidade de uma mudança no ensino da língua, a qual venha superar os limites da análise estrutural e gramatical para a linguagem da construção social como ato social por meio do qual os sujeitos agem no mundo, ou seja, a linguagem como interação social. Com base nisso,

a autora cita Bakhtin que faz um contraponto entre oração e enunciado, pois para o teórico a oração, pela qual tem pautado e ensino de língua portuguesa, tem natureza gramatical, fronteiras gramaticais, lei gramatical, pois é matéria de língua, enquanto o enunciado tem natureza concreta, plena, viva, nos mais diversos campos da atividade humana e da vida, pois é matéria de fala, isto é, produto da interação social. Entre outros autores citados com a intenção de refletir sobre nossa responsabilidade de, enquanto professores de língua portuguesa, formar cidadãos letrados, Alves finaliza suas reflexões com a argumentação de que esta perspectiva implica um ensino responsivo, um ensino de língua na qual o sujeito se reconheça e reconheça cronotropicamente a voz do(s) outro(s).

Na sequência, Chaves (2019) versa sobre “A ordem do discurso na didática de línguas” e afirma que o surgimento da linguística como ciência determinou como uma de suas condições de existência a separação entre língua/signos e fala/discurso. Com o objetivo de traçar um panorama teórico e epistemológico da linguística do discurso e comentar a pertinência do discurso para o ensino e aprendizagem de línguas, pois este também apresenta uma ordem própria, ainda que regida por princípios e métodos diferentes. Baseada na teoria de Benveniste (1976), a autora declara que para nós, língua e discurso são indissociáveis, compartilham a mesma realidade: a linguagem, única possibilidade para a apreensão do sentido focalizando os princípios gerais do ato de fala e da enunciação. Sendo que a enunciação é o que permite a passagem da língua – sistema virtual – para o discurso – situação real do uso da língua. Respalda-se ainda em autores como Pêcheux, Haroche e Henry (2008), para afirmar que “as palavras podem mudar de sentido segundo as posições ocupadas por aqueles que as empregam”. Para Bakhtin (2016), o princípio fundamental da linguagem é o dialogismo, isto é a relação irrestrita entre os sujeitos e os enunciados anteriores e sucessivos, os recursos variados estilísticos, entre outros. Em seguida, faz análise de alguns discursos para mostrar que por meio da língua entrecruzam posicionamentos ideológicos que perpassam os acontecimentos históricos veiculados pelo discurso, por isso afirma que a linguagem é constitutivamente subjetiva.

Na sequência, Rocha e Maciel (2019) falam sobre multimodalidade, letramentos e translinguagem: diálogos para a educação linguística contemporânea, com objetivo de discutir possíveis contribuições do enfoque multimodal em sua relação com os letramentos e com as teorias translíngues para a educação linguística contemporânea a partir do enfoque complexo pertencente a esta sociedade. Para isso, é necessário buscar compreender a modernidade com base nas condições e modos pelos quais ela se realiza e é vivida. Esta sociedade contemporânea envolve relações dinâmicas, marcadas por processos de produção de sentidos de forma mediatizada e midiaticizada, marcas de um mundo capitalista. Essas relações sociais constituem-se por meio da mediação de variados tipos de signos: verbais, visuais, sonoras, sensoriais, além de suas misturas que se materializam, circulam e são difundidos pela mídia. Cabe à educação linguística ser realizada com um olhar atento a toda essa diversidade, sensível às diferenças e combativo a todas as formas de opressão, uma vez que a educação é marcadamente política. Os autores afirmam que a multimodalidade existe desde que existe a humanidade, pois as pinturas rupestres, das danças entre outras manifestações de sentidos mediados pela linguagem, porém com o advento do alfabeto direcionou-se o olhar para a linguagem escrita. A retomada da utilização destes eventos a partir das reflexões sobre letramentos para o século XXI, uma vez que com o surgimento das tecnologias digitais surgem, também, a necessidade de reinventar as práticas educativas, pois comunicação e aprendizagem encontram-se interligadas no âmago da produção de sentidos. Neste sentido, a multimodalidade é o campo que focaliza as formas materiais de representação. Sendo assim, a educação necessita reconhecer a complexidade na formação identitária do sujeito, levando em conta seu papel de agente dentro de um contexto de mutabilidades rápida e profunda, do contrário, seria uma forma de reprodução de preconceito e desigualdade, como bem argumentam os autores.

Os autores seguem, também, a reflexão sobre uma orientação translíngua, na qual a inseparabilidade das línguas é validada e a construção de sentidos é compreendida como processos complexos, situados, ideologicamente orientados e resultantes da articulação entre uma variedade de discursos semióticos e espaciais. A translinguagem é o repertório completo

de um falante sem monitoramento, ou seja, as perspectivas internas do que os falantes fazem com a linguagem que é simplesmente sua. Nesse sentido, a comunicação envolve vários recursos semióticos, tais como a língua em sua relação com imagens, ícones e símbolos, além de uma pluralidade de modos, nos processos de produção de sentidos em que as pessoas se engajam nos mais diversos contextos com os mais distintos propósitos.

Silva e Abrão (2019) discorrem sobre “O vivido e o narrado na literatura juvenil: a recepção da periferia”. Desta feita, os autores discorrem sobre a formação do leitor infanto-juvenil, de como ocorre a ação do leitor sobre a obra e desta sobre ele, a partir do tripé: autor, obra e leitor a percepção da estética da recepção direcionará o olhar da análise do literário para o autor, resgatando o papel de coadjuvante, oferecendo a ele uma nova consistência para o reconhecimento da obra literária. Neste sentido, o ato de ler promove um diálogo entre um sujeito e um outro que não é ele, muitas vezes criando uma relação de semelhança e de atravessamento entre ambos e, nesse elo, cria-se abertura para a recepção da obra por parte do jovem leitor. Nessas bases, temas que retratam a tragédia humana como morte, uso de drogas, violência, entre outros, são produtos a serem explorados pela literatura infanto-juvenil pelo fato de atrair o olhar deste leitor, por fazer parte do cotidiano da periferia brasileira, onde os governos não atuam com humanidade. Porém, a literatura pode ter o poder de depurar, no ato da leitura, esta realidade. Estes autores afirmam que de acordo com o tempo a literatura é escrita de maneira a contemplar o público, se antes a criança não era diferenciada do adulto, na atualidade é necessário ter uma formação humanística e a literatura, proporciona ao público infanto-juvenil o percurso de uma construção e formação significativas, pois nela há soluções que mostram caminhos de superação, de fé, de amor, de reformulações de alma e de atitudes comuns no universo (idealizado) deles e isso colabora com o resgate do humano, ou seja, uma possível saída para a solução de conflitos, seus efeitos e causa. Muito bem articulado, as autoras se baseiam em autores como Jauss (1994), Zilberman (2003), Cândido (2014), entre outros para amparar suas reflexões.

Silva e Santos (2019), por sua vez, compartilham reflexões sobre “Práticas de letramentos viabilizados com uso das tecnologias digitais”, mediante a alegação de que tais

tecnologias transformaram as práticas sociais na atualidade, devido a alta expansão multimodal e hipertextual das práticas comunicativas. Consoante a isso, a leitura e a escrita, as quais envolvem o uso da língua/linguagem, tanto na modalidade oral quanto na escrita, também passam por transformações, o que demandam dos docentes, novas concepções e práticas de ensino em conexão com os meios tecnológicos próprios da cibercultura. As autoras corroboram este trabalho pautadas nas pesquisas de 17 docentes egressos do PROFLETRAS do ano de 2016, e fazem breve contextualização do programa, apresentam discussões sobre os multiletramentos na formação dos professores de LP nos moldes do curso supracitado, com a afirmação de que este possibilita a formação crítica, visto que promove a formação docente para o trabalho com os letramentos a partir de contextos de formação sócio-históricos distintos, consoante a realidade dos envolvidos, ressignificando as práticas pedagógicas em consonância com os princípios da pesquisa-ação. Desta feita, a pedagogia dos multiletramentos torna-se um importante objeto de estudo diante das constantes transformações social, política e cultural vividas na atualidade levando em conta a multiplicidade de formas de comunicação e o aumento da diversidade linguística e cultural oriundos das mudanças geradas pelas tecnologias digitais. Após análise dos trabalhos de conclusão (TC) dos docentes egressos do programa, as autoras assinalam aspectos positivos para o PROFLETRAS, para os docentes significativos resultados, assim como para os estudantes da Educação Básica contemplados pelo programa. Porém, com relação aos laboratórios de informática, esses carecem de melhorias em suas infraestruturas, para que a pedagogia dos multiletramentos seja amplamente viabilizada, sobretudo, nas escolas mato-grossenses.

Resenha enviada em: 27/06/2020  
Resenha aprovada em: 20/12/2020